

CAROLINA SILVA FERREIRA

VANEZA NOVAES CORREA

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO: DISCRIMINAÇÃO
RACIAL NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia apresentado à Faculdade MULTIVIX, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em ____ de _____ de 2017

COMISSÃO EXAMINADORA

Mestra Caroline Simon
Faculdade MULTIVIX
Orientadora

Faculdade Brasileira MULTIVIX
Examinador

Faculdade Brasileira MULTIVIX
Examinador

DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

Carolina Silva Ferreira

Vaneza Novaes Corrêa

RESUMO

Nesse artigo iremos interpelar a identidade de alunos negros no processo de ensino e aprendizagem no espaço escolar. Enfatizaremos sobre a história do racismo no Brasil, que se inicia no século XVIII e, ainda na atualidade (século XXI), percebemos o racismo vigente na sociedade brasileira, seja de forma explícita e/ou implícita, destacaremos de forma ampla o racismo no parâmetro escolar, seja esse contido em livros didáticos, no currículo escolar, etc. O desenvolvimento deste trabalho tem como objetivo central compreender a importância das relações étnicas raciais a serem trabalhadas/desenvolvidas nas escolas, iremos enfatizar a identidade da criança negra no processo de ensino aprendizagem bem como, na construção de cidadania. Acreditamos que esse processo possa interferir de forma positiva na construção do indivíduo, pois ninguém nasce odiando ninguém, dessa forma, novamente acreditamos e somos esperançosas que a educação pode eliminar o preconceito presente na sociedade, devido à interação heterogênea que temos dentro das escolas brasileiras, confiamos que as docentes ali presente tem todo o direito e dever de intervir quando houver alguma situação contra a identidade da criança negra, ou melhor, essa profissional deve trabalhar no seu cotidiano as diferenças sejam elas quais forem.

PALAVRAS-CHAVES: Racismo. Preconceito. Discriminação. Identidade. Criança.

ABSTRACT

In this article, we will question the identity of black students in the process teaching learning. We will focus on the racism of history in Brazil, beginning in the eighteenth century and still today (XXI century), we find the current racism in Brazilian society, either explicitly and / or implicitly highlight broadly racism in parameter school textbooks, school curricula, etc. The development of this work has the central objective to understand the importance of racial ethnic relations to be worked/ developed in schools; we will emphasize the identity of the black child in the process of teaching learning as well as in the construction of citizenship. We believe that this process can interfere positively in the individual construction, because no one is born hating no one, therefore, again believe and are hopeful that education can eliminate this bias in society, due to the heterogeneous interaction that we have within the Brazilian schools, we trust that the teachers present there has every right and duty to intervene when there is a situation against the identity of the black child, or rather, this professional should work on his daily routine all the differences.

KEYWORDS: Racism. Preconception. Discrimination. Identity. Child.

1 INTRODUÇÃO

Sabemos que o racismo, ainda na atualidade, se faz evidente na sociedade brasileira, portanto surge a necessidade de entender qual a raiz/fundamento desse ato preconceituoso em nossa sociedade. E para isso escolhemos o tema Discriminação Racial no Processo de Ensino Aprendizagem, apresentamos como problema da temática proposta, o desacreditamento do potencial e/ou inferiorização dos alunos negros (por parte da escola, mas também do próprio discente), no contexto escolar/social, gerando a essas crianças - referimos como criança por envolver alunos da educação infantil até o quinto ano do ensino fundamental -, em alguns casos o fracasso escolar e para que não gere esse resultado indesejado (ou não), a equipe pedagógica deve estar devidamente qualificada e preparada para intervir nesses casos. Sendo assim, nossa problematização norteadora é como a escola trabalha para amenizar/acabar com a questão racial em seu cotidiano.

Esse artigo tem como objetivo geral compreender a importância de as relações étnico-raciais serem trabalhadas/desenvolvidas nas escolas nas seguintes etapas de ensino, da educação infantil até o quinto ano do ensino fundamental, conjuntamente com os objetivos específicos que são: descrever o que é um preconceito racial e os estereótipos; argumentar a ideia de racismo na escola e a identidade da criança negra no contexto educacional. Portanto, a escrita ocorrerá na perspectiva da abordagem do racismo no contexto escolar do discente, bem como, em seu contexto social, envolvendo deste modo os dois principais ambientes da vida desse estudante.

Para elaborar o presente trabalho, a metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo, com análise qualitativa de livros didáticos da disciplina de História do 2º ao 5º ano do ensino fundamental de uma escola municipal de Cariacica. Utilizamos as produções teóricas de autores como Cavaleiro (2000) e Munanga (1994), com base nos quais organizamos o desenvolvimento desta pesquisa, sendo assim, nosso artigo foi estruturado da seguinte maneira: no primeiro capítulo, abordamos o racismo no Brasil; no segundo capítulo, o racismo no cenário escolar; por fim, no terceiro e último capítulo, analisamos os livros didáticos do primeiro ciclo do Ensino Fundamental da rede municipal de Cariacica.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 RACISMOS NO BRASIL

Para iniciarmos a temática proposta, é necessário conhecer/compreender a definição dos termos “racismo”, “preconceito” e “discriminação racial”. Segundo Gomes (2005, p.52): “O racismo é, por um lado, um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo, etc.”. Sendo o primeiro segmento do racismo, o preconceito racial, que conforme Jesus (2006, p.69): “O preconceito é um julgamento negativo, que muitas das vezes, é feito com antecipação, às pessoas tidas como diferentes e/ou de grupos raciais diferentes”. O segundo segmento do racismo é a discriminação racial que pode ser compreendida como o racismo em destreza em conjunto com o preconceito que teoriza e a discriminação se concretiza.

Agora com os conceitos já estabelecidos, podemos proferir sobre a história do racismo no Brasil. A utilização da palavra racismo iniciou-se no século XVII, e assim como na atualidade, era empregue para apontar as diferenças físicas na população daquela época. Em contrapartida, no século XVIII a distinção racial era voltada para a cor da pele, agrupando em etnias branca, negra e amarela. No século seguinte, a questão de distinção racial foi direcionada para o parâmetro morfológico e obteve ainda mais expressividade com a reinterpretação da teoria darwinista¹, isto é, estabelecendo uma hierarquia que exaltava que a etnia branca tinha maior domínio do desenvolvimento físico e mental com isso, colocando as demais etnias presentes como inferiores. Percebemos que a questão da discriminação racial está enraizada na cultura/sociedade brasileira e quem nos afirma esse pensamento de Silva:

O preconceito está presente na humanidade desde o início da mais remota história, rotulando raça, gênero e classe social, aos quais durante todo processo de desenvolvimento da vida humana vão sendo incorporadas ideias, valores, sentimentos e maneiras de pensar que nem sempre são aceitos por todos. (SILVA, 2015, p.1)

Portanto, é evidente que a população brasileira é miscigenada, porém na hierarquia social os negros continuam como base, pois os próprios habitantes não

¹ Segundo Charles Darwin, os organismos mais bem adaptados ao meio têm maiores chances de sobrevivência do que os menos adaptados, deixando um número maior de descendentes. (BIZZO, 1859, p. 17).

consideram as diferenças (físicas, comportamental, social, etc.), como diversidade cultural e étnica, como algo positivo e que possa incrementar para a sociedade brasileira, dessa forma, constitui-se um impedimento de diálogo de conhecimento de maneiras de vidas e aceitação do outro, e tal atitude acontece por nós seres humanos não aceitarmos as qualidades e diferenças do nosso oposto, denominando assim, o preconceito.

Ultimando tudo que já foi abordado acima, é evidente que os afrodescendentes têm uma presença demográfica significativa no Brasil, porém mesmo diante desse fato é implícita a dificuldade de construir a identidade negra em uma sociedade que vive o mito da democracia racial, ou seja, uma população que desde o princípio ensina seus habitantes a se afugentar de sua ascendência para serem aceitos no coletivo, contudo, não podemos intitular tal sociedade com esses aspectos de uma sociedade democrática racial.

Estamos em um país onde certas coisas graves e importantes se praticam sem discurso, em silêncio, para não chamar a atenção e não desencadear um processo de conscientização, ao contrário do que aconteceu nos países de racismo aberto. O silêncio, o implícito, a sutileza, o velado, o paternalismo são alguns aspectos dessa ideologia. (MUNANGA,1996, p. 220-221)

Contudo, a concepção de identidade não pode ser baseado-compreendida a partir de uma única definição, pois identidade está interligada com vários fatores da vida do ser humano, e como já proferida acima, o Brasil é um país de culturas miscigenadas, portanto definir identidade nesse contexto é irreal/inexecutável. Para Gomes:

A identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. Indica traços culturais que se expressam através de práticas linguísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares, tradições populares e referências civilizatórias que marcam a condição humana. (GOMES, 2005, p.41)

Acrescentamos ainda na concepção de identidade, o pensamento de Munanga:

(...) a identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (auto definição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos, etc. (MUNANGA 1994, p.177-178)

A identidade do indivíduo é única e intrasferível, mesmo pertencendo a um determinado grupo social, dessa forma, a identidade deve ser dialética entre o meio social, visto que o ser humano tem a primordialidade da resposta da inserção da sociedade e para isso é necessário compreender que identidade está interacionada com as diferenças, isto é, a sociedade deve reconhecer essa disparidade como aspectos que contribuam ainda mais para a cultura mística do Brasil.

O ser humano idealiza a sua identidade por intermédio do contexto social que está inserido buscando a aceitação da sociedade, e para obter essa aquiescência deve seguir os estereótipos impostos pela sociedade, neste sentido estamos nos referindo à sociedade embranquecida, dessa forma os negros absorve o máximo possível dos costumes da população branca, para tentar ter a tal aceitação social, ocasionado em alguns casos, a negação da sua própria identidade negra.

O ideal (de branqueamento) inculcado através de mecanismo psicológico ficou intacto no inconsciente brasileiro, rodando sempre na cabeça dos negros e mestiços. Esse ideal prejudica qualquer busca baseada na "negritude", já que todos sonham ingressar um dia na identidade branca, por a julgarem superior. (MUNANGA, 2004, p.16).

Portanto, identidade não obedece a um modelo fixo imposto pelas "autoridades" e sim a um processo de construção social no qual o indivíduo estar inserido. O não reconhecimento ou reconhecimento inadequado do "outro" pode causar prejuízo ou uma deformação ao aprisionar alguém num modo de ser falso e reduzido (TAYLOR, 1998, p.57), com isso, percebemos que os próprios negros criam conflitos com a sua própria personalidade/identidade. E isso ocorre, pois, uma pessoa que se classifica negra em um determinado contexto não se identifica como negra em outro, essa atitude é reflexo de nossas gerações passadas que criaram uma imagem depreciativa dos negros e os mesmos não tiveram incitamento/estimulo para resistir a esse auto avaliação, e hoje é um dos fatores mais perdurável da sua própria opressão. SANSONE argumenta:

[...] A identidade negra, como todas as etnicidades, é relacional e contingente. Branco e negro existem, em larga medida, em relação um aos outros; as "diferenças" entre negros e brancos variam conforme o contexto e precisam ser definidas em relação a sistemas nacionais específicos e a hierarquias globais de poder, que foram legitimados em termos raciais e que legitimam os termos raciais. (SANSONE,2003, p. 24).

2.2 RACISMO NO CONTEXTO ESCOLAR

A educação básica empra a abertura da experiência escolar do aluno, proporcionando a esse discente a convivência em grupo social mais farto e em um espaço com características diferenciadas do contexto familiar. Essa fase é o cenário ideal para o desenvolvimento intelectual, social e psicológico dessa criança. Na interação o corpo ganha realçamento diante os movimentos, gestos e posturas. Sendo assim, na primeira etapa da educação básica, a criança convive grande parte do tempo com outra criança e nessa convivência o protagonismo desse aluno auferiu ênfase de potencialidade do convívio e suas variadas formas de relações sociais.

A educação, nos dias atuais, é a única ferramenta que pode trazer resultados satisfatórios para a espécie humana, proferimos nesse sentido o racismo, e para que de fato esses resultados apareçam, a educação estima com a democracia/cidadania para suprir a ausência do apreço das etnias diferentes. A educação é essencial para a formação do indivíduo, porém essa educação deve ser singular e atingir todas as pessoas para torná-las membros sociais no parâmetro nacional e internacional. Contudo, para articular políticas inclusivas seja em espaços escolares ou não, é fundamental resgatar a temática da igualdade e em decorrência o da diferença. Em razão disso a escola e família devem ser aliadas nesse processo para retratar a possibilidade da transformação do pensamento da democracia racial implantada na sociedade. Segundo Silva (2015);

Outra forma contraditória para os profissionais da educação é atribuir o sucesso escolar à ação pedagógica, e quando abordado o “fracasso escolar” tornar isentas a escola e a sala de aula, atribuindo a outras instâncias, como as crianças e as famílias. Algumas hipóteses a questão disciplinar/indisciplinar são: Isolar a indisciplina como um problema individual do aluno; não considerar que este ato revela algo sobre as relações institucionais escolares do dia a dia; E o ato de apontar razões para indisciplina, mas não demonstram caminhos para uma possível solução ou administração. (SILVA, 2015, p.2).

A instituição, o corpo pedagógico e o docente não devem pressupor seu aluno apenas pelo seu fracasso escolar e/ou indisciplina, essa equipe precisa verificar de forma geral, o contexto social de seu aluno e incluir na prática pedagógica que está sendo aplicada naquela escola. Para Freire (1996) é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.

Contudo, como mencionado mais acima, se a história da educação brasileira é um estigma da exclusão se torna ainda mais complexo ao se falar de discriminação já que a mesma acaba compondo a “cultura” brasileira. Sendo assim, o agressor² folgar com a identidade racial do agredido, em rotineiro o agredido não expõe naquele determinado momento sua insatisfação com tal atitude e/ou insatisfação pelo fato de ser negro, porém com o suceder dos tempos, o agredido sob influência da sociedade “manipuladora” acaba se menosprezando/inferiorizando, justamente pelas “brincadeiras sem maldade” em relação a sua etnia. Outra forma de discriminação além dos apelidos e brincadeiras insultuosas, e o repostasse a estética, isto é, o decréscimo do cabelo que em muitas situações são desígnio de zombaria atingindo principalmente as meninas, estimulando ainda mais a alienação de sua personalidade. Para Sheriff (2001, p, 227) a dimensão descritiva do discurso relativo à “cor” da pessoa, apesar de ter associações raciais, traduz mais uma descrição provisória de aparência.

O racismo presente na educação infantil aparece de forma um pouco distinta daquela encontrada no ensino fundamental. Enquanto na escola o desempenho escolar mais baixo das crianças negras é fator identificador do racismo no ensino fundamental, na educação infantil, o racismo aparece nas relações afetivas e corporais entre adultos e crianças e nas brincadeiras espontâneas destas, já que sabemos que o jogo é uma prática fundamental nessa faixa etária. Mas devemos considerar que essas situações também podem ser encontradas nas crianças e nos adolescentes do ensino fundamental e médio. (ABRAMOWICZ, 2006, p.68).

Abramowich (2006, p. 68) fala que o silêncio por parte dos professores é motivado por vários fatores: falta de formação para tratar a questão racial, desconhecimento da história e da cultura africana ou criança de que não existe racismo. Percebemos claramente essa situação, no caderno de pesquisa realizado por Batista (2008, p.7); fala de uma professora: “.... *Ah! Tinha uma aluna, o ano passado que sofria muito, ela era moreninha coitada, e as crianças a chamavam de negra*”. O fato de o docente reconhecer que ao chamar a menina de negra era um xingamento, revela a incapacidade do mesmo de lidar com as relações raciais (MUNANGA, 2004). Dessa forma, os apelidos como “moreninha” e “branquinha” não seriam tão problemáticos se não vigorasse, no país, uma hierarquia étnica. (CAVALEIRO, 2000).

² Agressor nesse sentido, é quem comete/prática qualquer tipo de discriminação.

2.3 LIVRO DIDÁTICO

A utilização de livros didáticos no processo de ensino aprendizagem deve ser ministrada minuciosamente, isto é, a grande maioria dos livros didáticos retrata a dificuldade e sofrimento da etnia negra, o que deveria ser fundamento de orgulho satisfação/valorização, portanto compete o professor desenvolver/despertar em seus alunos a respeitarem as diferenças.

Portanto, surge a importância de incluir nos espaços escolares a história do afrodescendente e centralizar os pontos positivos dessa etnia e induzir e/ou instigar no aluno a compreensão de todo o antepassado dos negros e sensibilizar o mesmo para o respeito mútuo com as diferenças. Dessa forma, realizamos uma análise nos livros de História do primeiro ciclo do ensino fundamental da rede Municipal de Cariacica, exceto no livro didático do primeiro ano devido à ausência do mesmo na classe citada.

O livro didático de História do segundo ano do ensino fundamental é composto por oitenta páginas e subdivido por quatro unidades, sendo elas: Brinquedos e brincadeiras; Direitos e deveres das crianças; Pelas ruas da cidade; O Brasil de muitas histórias. Nesse material a diversidade racial está presente em todas as ilustrações (demostrado no anexo A à G), o que de fato nos surpreendeu muito devido os relatos citados no decorrer do presente artigo.

No material didático do terceiro ano, encontramos na capa duas crianças sendo uma negra e uma branca, praticando o mesmo ato de leitura (anexo H). Composto por cento e quarenta e três páginas subdivido em oito unidades, sendo: O lugar onde eu moro; Vivendo nas cidades; A formação das cidades; Ligando pessoas e lugares; O universo da comunicação; O trabalho; Cotidiano Indígena; Trabalho e diversão. Na unidade um, na página 12 (anexo I) nos deparamos com uma breve história das moradias do Brasil após os anos 1500, o interessante é uma habitação de negros de material Taipa e logo abaixo caracterizando tal moradia de baixo custo, ou seja, era o que os negros mereciam. Já nas unidades dois, três e quatro as ilustrações são referentes às placas, paisagens, mapas, etc., na unidade cinco nos chama atenção a ausência do negro nas quatro primeiras imagens da unidade (Anexo J e K). Na unidade seis, uma atividade (anexo L) para identificar a casa grande (casa bela), a senzala (desleixada) e a casa de engenho nos fez refletir o quanto estamos centrados, justamente por todo o enraizamento da cultura, em

desmenoprezar os negros. Na unidade sete e oito tem as mesmas características das unidades dois, três e quatro.

O livro didático do quarto ano é integrado por cento e vinte e sete páginas dividido em quatro unidades, sendo: Pindorama terra das Palmeiras; No tempo dos engenhos; Ouro no sertão; Os caminhos da independência. Na capa do livro inferimos a ausência da criança negra (Anexo M). Na unidade um, as imagens são voltadas para elementos e não “personagens”. Enquanto no capítulo dois, na página 38 (Anexo N) o interessante é a reflexão que o recurso didático proporciona aos discentes quanto à temática escravidão. Na página 45 (Anexo O), vale ressaltar a abordagem das escravas que tinham filhos do “senhor”. Nas duas últimas unidades notificamos também apenas a presença de ilustrações voltadas para elementos e não “personagens”. Finalizando a análise com o livro didático do quinto ano, composto por cento e quarente e três páginas e dividido por 4 unidades, sendo elas: Independência do Brasil; O Brasil Imperial; O Brasil Republicano I; O Brasil Republicano II. Nas duas primeiras imagens (Anexo P e Q) da unidade um, nos chamam a atenção à diversidade contida, porém de forma não inclusiva, isto é, notamos a presença de uma criança negra fora do contexto escolar (não estava uniformizada como os demais) e nessa mesma perspectiva nota-se um aluno cadeirante afastado da roda de conversa dos demais discentes. Em contradição, na mesma unidade páginas posteriores 36 e 37 (Anexo R e S) exibe a imagem do negro de fato com ela deve ser, ou seja, um cidadão assim como qualquer outro. Na unidade dois na página 67 (Anexo T), super cativante a abordagem do estatuto da igualdade racial após o fim da abolição. Na unidade três as imagens são históricas. Na unidade quatro, nas páginas 110 e 111 (Anexo U e V) é nítida a abordagem das diversidades.

Contudo, diante dos resultados das análises dos livros didáticos, concluímos que de fato os livros são recursos metodológicos relevantes ao processo de ensino e aprendizagem, porém cabe ao docente conduzir os conteúdos ali presentes de forma inclusiva e diversificada.

É a ausência de referência positiva na vida da criança e da família, nos livros didáticos esgarça os fragmentos de identidade da criança negra, que muitas vezes chaga a idade adulta com total rejeição à sua origem racial. Positivar o lado negro de cada criança, positivar o passado escravo, através das histórias de resistências. (CAVALEIRO, 2000, p.122).

Portanto, surge a importância de incluir nos espaços escolares a história do afrodescendente, centralizar os pontos positivos dessa etnia e induzir e/ou instigar o aluno a compreensão de todo o antepassado dos negros e sensibilizar o mesmo para o respeito mútuo com as diferenças, isto é, o livro didático é uma excelente ferramenta, quando utilizado devidamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade brasileira contextualiza em um conjunto de regras que sem perceber, inferioriza os negros em todos os sentidos, tornando-se uma atitude mecânica, tal atitude regressa para as crianças sem que o transmissor perceba, isto é, a criança desenvolve um bloqueio sobre a sua capacidade e/ou desenvolvimento devido a sua etnia, pois o contexto que vive de forma implícita/explicita transmite essa negação para ela. Porém, por outro lado, as crianças negras se destacam em jogos de futebol, na dança³, ou seja, a sociedade cria apenas essas expectativas para as crianças e as que se esforçam para ir além dessa realidade são consideradas exceções.

Dessa forma, um tentame de conversão surge com a presença da Lei 10.693/03, porém apenas a lei em si, não é o suficiente para garantir o que contempla. Sendo assim, se faz necessário a implementação das diversidades no contexto escolar, sendo esse espaço escolar composto por uma série de materiais pedagógicos que proporciona para os discentes experiências contextualizadas, ou seja, partindo da realidade da comunidade.

Concluimos diante das análises dos livros didáticos que existe a presença de negros na maioria dos livros, alguns (como detalhado acima) de fato de forma aviltante, porém outros dignificante. Sendo assim, compreendemos que o docente deve estar altamente qualificado para desenvolver esse recurso da forma mais vantajosa em sala de aula, considerando os conteúdos previstos nos livros didáticos, porém, contextualizando na realidade e/ou diversidade de sua classe escolar.

³ Mais precisamente no Samba.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOWICZ, Anete. **Trabalhando a diferença na Educação Infantil**. São Paulo: Moderna, 2006.
- BATISTA, Michelangelo Henrique. **Ausência da construção da identidade racial da criança negra no contexto escolar**. Mato Grosso. 2008.
- BATISTA, Normando. Cultura Negra e Currículo. In: SILVA, Luiz Heron da & AZEVEDO, José Clóvis de (Orgs). **Paixão de Aprender**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.
- BIZZO, Nélío. **A Origem das Espécies**: Charles Darwin a origem das espécies por meio da seleção natural ou a preservação das raças favorecidas na luta pela vida. São Paulo, Martin Claret, 1859.
- BRASIL, **Lei nº. 9.394 de 20 de dezembro de 1996**, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 30 out. 2017.
- BRASIL. **Lei nº. 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 30 out. 2017.
- CANDAU, Maria Vera (Org.). **Cultura(s) e educação**: entre o crítico e pós-crítico. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- CARVALHO, Marília Pinto de. Mau aluno, boa aluna?. **Cadernos de pesquisa**, v. 29, n 1, jun., 2001.
- CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários á pratica educativa/Paulo Freire São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção leitura).
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17. ed. Rio de janeiro, Paz e Terra, 1987.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas,2002.
- GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: Uma breve discussão. In: **Educação antirracista**: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. **O silêncio**: um ritual pedagógico a favor da discriminação. Belo Horizonte: UFMG, 1985.

JESUS, Lori. Hack de. Discutindo o Termo Raça. In: MULLER, Maria Lúcia Rodrigues (Org.). **Trabalhando as diferenças em Mato Grosso**. v. 2. Cuiabá: EdUFMT, 2006. p. 67-72.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.

MUNANGA, Kabengele. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos antirracistas no Brasil. In: SPINK, Mary Jane Paris (Org.) **A cidadania em construção**: uma reflexão transdisciplinar. São Paulo: Cortez, 1994.

MUNANGA, Kangebele. As facetas de um racismo silencioso. In; SCHWARCZ, Lilia Moritz. & QUEIROS, Renato da Silva. (Orgs). **Raça e diversidade**. São Paulo: Edusp, 1996.p.220-221.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: Identidade Nacional versus Identidade Negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SANSONE, Lívio. **Negritude sem etnicidade**: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do brasil. Salvador: Edufba; Pallas, 2003.

SANTOS, Silvia Karla. **O que é ser negro no Brasil?** Uma reflexão sobre o processo de construção da identidade do povo brasileiro. Paraíba. 2012.

SHERIFF, Robin E. Como os senhores chamam os escravos: discursos sobre cor, raça e racismo num morro carioca Yvonne e REZENDE, Cláudia Barcellos (org.). (org.). **Raça como retórica**: a construção da diferença. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 215-243.

SILVA, Ana Celia. **A discriminação do negro no livro didático**. Salvador: CED, 1995.

SILVA, Jaqueline da Costa Reis; SILVA, Solange Deolinda; SANTOS, Luciana Eliza. A dura realidade do aluno negro na educação escolar brasileira. E-FACEQ, 2015. p. 1-8

TAYLOR, Charles. **Multiculturalismo**: examinado a política de reconhecimento. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

ANEXOS

Anexo A - Livro didático 2º ano, unidade 1, página 11.

Conteúdo do Manual, item 1



TROCA DE IDEIAS

Observe com atenção a ilustração e converse sobre ela com seus colegas. Depois, responda às questões.

- Quais dessas brincadeiras ou brinquedos você conhece e com quais brinca? Escreva o nome de cada brinquedo que conhece e o nome da brincadeira que gosta de fazer em uma folha de papel.
- Entre as brincadeiras representadas, de quais você não brinca? Por quê? Escreva em uma folha de papel o nome da brincadeira e o motivo de não brincar.
- Você sabe o nome de todas as brincadeiras representadas na ilustração? Escreva o nome de cada brincadeira que conhece e o nome da brincadeira que gosta de fazer em uma folha de papel.
- Em sua opinião, qual brinquedo fez a alegria das crianças no passado e continua alegrando-as no presente? A bola. É um dos brinquedos mais antigos e que continua fazendo as crianças rirem com a passagem do tempo.

Anexo B - Livro didático 2º ano, unidade 1, página 14.

CAPÍTULO 2 BRINCADEIRAS DE HOJE E DO PASSADO

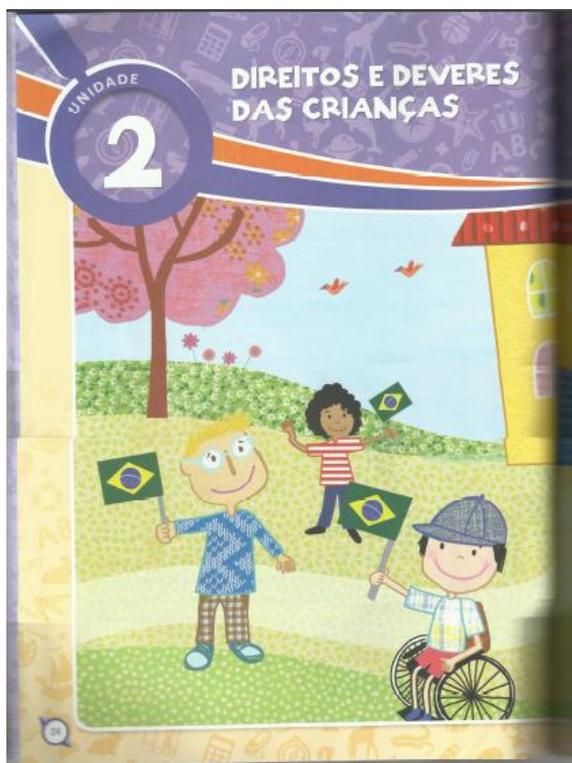


Agora, você vai conhecer melhor a artista Sandra Guinle. Escute com atenção o texto que seu professor vai ler.

Nasci no interior de São Paulo em uma cidadezinha chamada Monte Mór. Na terra vermelha, que desconhecia as folhas, jessieil muitas amarelinhas. Na beira dos riachos, acompanhava minha mãe e outras mães que, lavando roupas, entoavam cantigas que tenho frescas em minha memória. Ali, meu primeiro contato com o barro. [...]

Sei bem de minhas recordações de quando criança. Tardes fagueiras subindo em frondosas árvores, saboreando a fruta no tempo certo na companhia do menino que, astro de seu quintal, rodava o pião em manhas e ensolaradas e vida aberta

Anexo C - Livro didático 2º ano, unidade 2, página 24.



Anexo D - Livro didático 2º ano, unidade 2, página 25.



Anexo E - Livro didático 2º ano, unidade 2, página 35.

CAPÍTULO 2 OS DIREITOS DAS CRIANÇAS



Você já ouviu falar na **Declaração dos Direitos da Criança**? Se os governantes de todos os países a seguissem, as crianças seriam mais felizes e saudáveis.

Preste atenção no resumo dos princípios da Declaração que seu professor vai ler!



Declaração dos Direitos da Criança

35

Anexo F - Livro didático 2º ano, unidade 2, página 37.

- 1 Toda criança tem direito a ser socorrida em primeiro lugar.
- 2 Toda criança tem direito a ser protegida contra abandono, **crueldade** e exploração.
- 3 Toda criança tem direito a ser educada num clima de compreensão, amizade e **tolerância** para com todos os povos.

Crueldade: maldade.
Tolerância: qualidade de pessoas que admitem maneiras diferentes de pensar, agir e se sentir.

PARA SABER MAIS

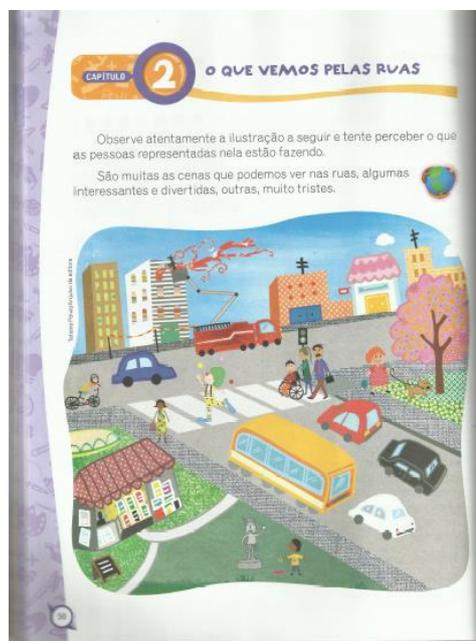
Agora, escolha um dos princípios da Declaração e, com a ajuda de alguém de sua família ou de seu professor, procure em jornais ou em revistas uma foto que o ilustre. A imagem deve mostrar o princípio que você escolheu sendo respeitado.

Reúna-se com seus colegas e utilizem o material encontrado para confeccionar um cartaz.

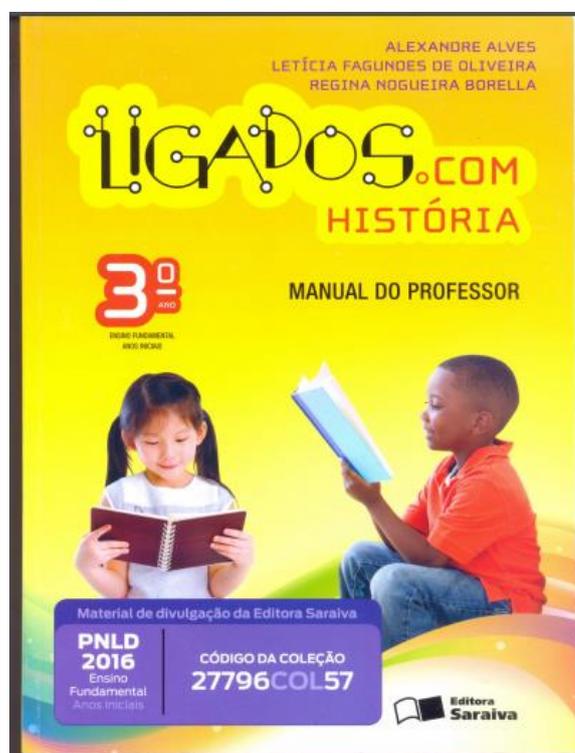


37

Anexo G - Livro didático 2º ano, unidade 3, página 56.



Anexo H- Livro didático 3º ano, capa.



Anexo I - Livro didático 3º ano, unidade 1, pagina 12.

Moradias do presente e do passado

Iniciar o trabalho com o conceito de "permanência ao longo do tempo", observando as formas de morar do passado que permanecem no presente. Se na região em que os alunos vivem não existirem construções coloniais ou casas de taipa, trabalhar com outras fotos de moradia, como que a seguir, por exemplo.

No Brasil existem formas de morar muito antigas, que ainda **permanecem** no presente, como a casa de taipa e o sobrado colonial. Essas moradias são tradicionais e encontradas em diferentes regiões do nosso país.

A casa de taipa

Nos anos após 1500 (época da chegada dos portugueses), as casas construídas no Brasil eram feitas com barro socado e madeira.

Colonial: período da história do Brasil que vai de 1500 a 1822, ano da proclamação da Independência do Brasil.

Tradicional: que forma uma tradição; maneira histórica de construção passada de geração a geração.

Nesse contexto, a expressão "forma de morar" relaciona-se não somente a uma forma arquitetônica, mas também a hábitos, costumes e condições econômicas, sociais e culturais.

Moradia de taipa retratada na obra História de negros, de Johann Moritz Rugendas, 1822 e 1823. Litogravura reproduzida publicada em Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil, 1935.

Para formar as paredes do caso, o barro é socado com golpes de pilão dentro de uma armação de madeira. Galvão, 2007.

A casa de taipa é um tipo de moradia resistente, fácil de construir e de baixo custo. Por isso, ainda é utilizada em diversas regiões do Brasil.

Casa de taipa em Poço Redondo, Sergipe, 2007.

12

Anexo J - Livro didático 3º ano, unidade 5, pagina 74.

Capítulo 1

A comunicação é universal

Resposta pessoal. Exemplos de como as pessoas usam a comunicação por meio de diferentes linguagens, falas, e sinais, gestos, desenhos, expressões corporais e outras.

Como você mostra a uma pessoa o que está sentindo ou pensando? Será que é só por meio da fala que podemos nos comunicar? Como você imagina que as pessoas se comunicavam no tempo em que a escrita não existia?

A comunicação é uma necessidade humana. Por meio dela podemos conhecer novas pessoas, aprender e compartilhar informações e discutir problemas coletivos.

Todos os dias, ao circular nas ruas, na escola, no trabalho, no comércio, entre outros lugares, as pessoas se comunicam. Essa comunicação pode ser feita de diferentes formas: conversa, carta, e-mail, livro, sinais, expressões artísticas, entre outras.

Computador, celular, tablet e e-mail são meios de se comunicar e enviar informações e mensagens. A tecnologia facilita a circulação de informações.

A comunicação entre as pessoas pode ser feita ou realizada por meio de recursos tecnológicos, que eliminam a distância entre pessoas.

74

Anexo K - Livro didático 3º ano, unidade 5, pagina 75.

1. Leia a tirinha.



a) O que as personagens fizeram para compartilhar “informações confidenciais”? Inventaram palavras novas para substituir algumas conhecidas por todos. **ORAL**

b) A expressão facial e a postura das meninas no último quadrinho comunicam que sentimento delas? Surpresa, auto.

2. Indique quem faz uso de cada sistema de acordo com a legenda.

1 Deficientes visuais 2 Deficientes auditivos

Explicar aos alunos que letras e braille são sistemas de comunicação utilizados por pessoas com deficiência.

2 **Libras** (Língua Brasileira de Sinais) é uma forma de comunicação por meio de sinais feitos com as mãos.

1 **Braille** é um sistema de escrita e leitura que consiste em pontos em relevo, no papel ou em outro material, que permitem a leitura pelo tato.




Gestos, expressões e sinalizações de libras comunicam um tipo de informação às pessoas. Os livros comunicam conhecimentos e integram as pessoas.

75

Anexo L - Livro didático 3º ano, unidade 6, pagina 90.

Capítulo 2

Trabalho no engenho

Você sabe explicar de onde vem o açúcar que usamos diariamente?
O que ele tem de semelhante com o álcool que abastece os automóveis? **ORAL**

Dizer que os alunos leiam suas obras, analisando. Retomar as anotações com eles ao final do capítulo. Esclarecer que os alunos mencionaram o açúcar e o álcool e mesmo mencionando a cana-de-açúcar.

Há cerca de 300 anos, a cana-de-açúcar era a principal fonte de riqueza do Brasil. Cidades como Olinda, Recife (ambas em Pernambuco) e Salvador (na Bahia) enriqueceram por meio da transformação da cana em açúcar, feita em engenhos pelo **trabalho escravo**.

Um engenho de açúcar era formado pela casa-grande, pela senzala e pelo canavial. Em alguns engenhos também havia, geralmente, uma capela e um cemitério.

Os escravos trabalhavam de 18 a 20 horas por dia. Nos engenhos havia também atividades realizadas por homens livres (índigenas e caboclos), como a limpeza do solo, o corte de lenha e o transporte da produção.

Explicar aos alunos que no Brasil, durante 300 anos, a maior parte do trabalho foi feita pelos escravos. Não começou de repente, mas sim, passou-se a utilizar o trabalho de africanos escravizados.



Ornava em cores de Frans Post, 1674. Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Brasil. Os portugueses eram os proprietários dos engenhos no território do Brasil. O açúcar feito nestes locais era uma mercadoria cara e muito valorizada na Europa, onde o produto final era vendido. Nos séculos XVI e XVII, o Brasil se tornou o maior produtor mundial de açúcar.

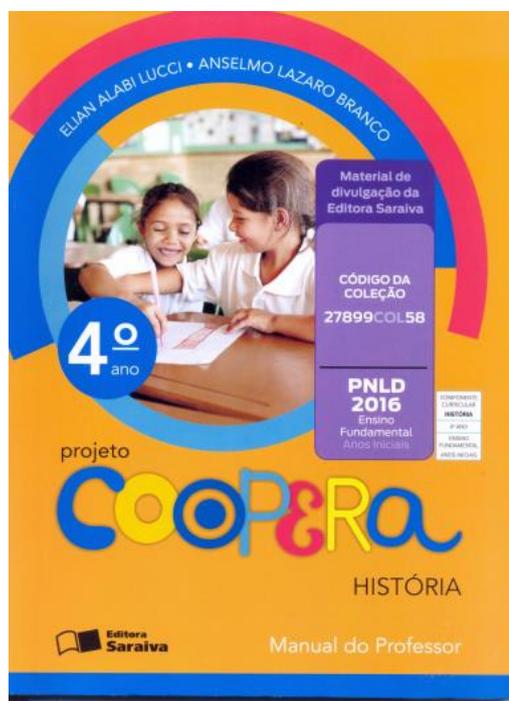
Orientar os alunos no sentido dos números somente utilizados para indicar áreas, sendo eles desde habitações à usinas de moagem. Orientar que os alunos possam ler o que está escrito no período a que se refere o número: de 1550 a 1700. **ORAL**

1. Identifique e marque na imagem as instalações comuns nos engenhos há cerca de 300 anos.

1. **Casa-grande:** morada do senhor de engenho e sua família.
2. **Senzala:** habitação dos escravos.
3. **Casa de engenho:** local de produção do açúcar.

90

Anexo M - Livro didático 4º ano, capa.



Anexo N - Livro didático 4º ano, unidade 2, pagina 38.

Começo de conversa Ver comentários no Manual do Professor



Fuga de escravos, de François Auguste Biard, 1859. Óleo sobre tela. Coleção particular.

Converse com os colegas e o professor.

1. Observe o título da obra de arte. O que está representado nessa imagem?
A fuga de escravos
2. Por que você imagina que as pessoas retratadas estão fugindo?
Elas provavelmente estão fugindo de sua "propriedade".
3. Em sua opinião, quem prendia e escravizava pessoas como as que aparecem nessa obra?
Resposta pessoal.
4. De onde essas pessoas eram trazidas?
Resposta pessoal.
5. Como deveria ser a vida das pessoas escravizadas na época do Brasil colonial?
Resposta pessoal.
6. As fugas eram uma das maneiras de resistência à escravidão. Você concorda com essa afirmação? Por quê?
Resposta pessoal.

38

Anexo O - Livro didático 4º ano, unidade 2, pagina 45.

LER E COMPREENDER

(de acordo com o Manual do Professor)

1. Observe, com muita atenção, estas fotografias. Depois converse com os colegas e o professor sobre as questões a seguir.



Fotografia de cerca de 1860.



Fotografia do século XIX.

a) O que está representado nas fotografias? Das africanas ou africanizadas escravizadas, cada uma com uma criança.

b) Qual relação você imagina que existia entre as mulheres e as crianças? Principais ideias: Conviver com as crianças desde cedo, apesar da hierarquia entre a criança e a escravizada, há um vínculo afetivo e uma proteção a ela, pois os pais negros sofriam muito a falta de filhos, logo, por exemplo, das amas da casa.

45

Anexo P - Livro didático 5º ano, unidade 1, pagina 08.

unidade

1

A Independência do Brasil

Até o início do século XIX, o Brasil era colônia de Portugal, por isso as pessoas que aqui viviam estavam subordinadas às autoridades portuguesas.

Hoje o Brasil tem seu próprio governo, e os brasileiros podem exercer a cidadania. Todos têm direitos e deveres, de acordo com a lei.

Para chegar a essa condição, houve um longo processo. Vamos conhecer parte desse processo nesta unidade.

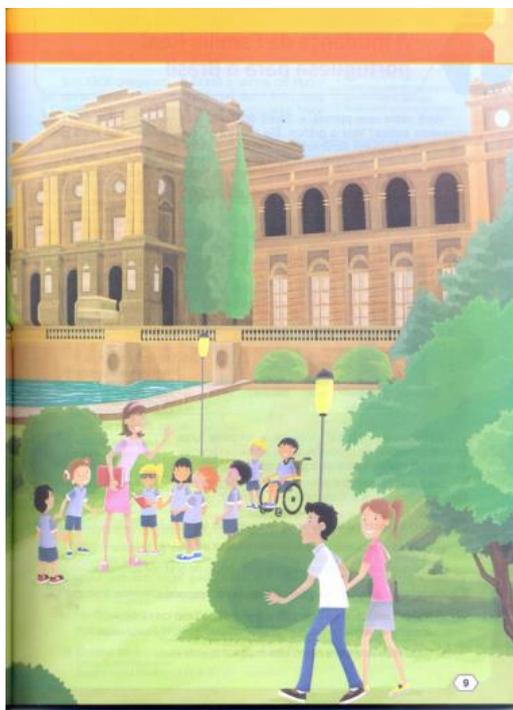
Atividade em: Espaço do Manual do Professor. Resposta pessoal.

- A ilustração ao lado representa o Museu Paulista, conhecido como Museu do Ipiranga. Ele tem um acervo que ajuda a conhecer uma parte da história do Brasil – a independência política. O que você sabe sobre a Independência?
- O que deve mudar no governo de um país quando ele se torna independente?
- Na sua opinião:
 - a) O que é cidadania?
 - b) Todos os brasileiros exercem plenamente a cidadania? Por quê?



7

Anexo Q - Livro didático 5º ano, unidade 1, página 09.



Anexo R - Livro didático 5º ano, unidade 1, página 36.

Jornal mural Sugestão de Marcelo de Paiva

Você viu que, com a chegada da Família Real portuguesa, a cidade do Rio de Janeiro passou por uma série de mudanças. Para atender às necessidades culturais e intelectuais da corte, dom João criou algumas instituições. Biblioteca Real, Museu Real, Teatro Real, Jardim Botânico, Escola de Medicina e Banco do Brasil foram algumas delas.

Ele criou também a Imprensa Régia. Até então não havia jornais na colônia, porque era proibido. E, em 10 de setembro de 1808, foi publicado o primeiro jornal brasileiro oficial: *A Gazeta do Rio de Janeiro*.

O jornal trazia notícias sobre o cotidiano da cidade, anúncios classificados de profissionais e serviços, estabelecimentos comerciais, etc.

Vamos, então, fazer um jornal mural?

Do que vocês vão precisar 

- revistas e jornais velhos
- livros, enciclopédias e internet
- papéis ou caderno para tomar notas
- computador
- papel pardo e papel sulfite
- cola, tesoura sem ponta, fita adesiva, régua, lápis de cor, canetinhas coloridas, tintas, adesivos e outros materiais para decorar o jornal mural

Como fazer

1. Definindo as seções, os conteúdos e o nome do jornal

Com a ajuda do professor, discutam quais seções e conteúdos vocês gostariam que o jornal tivesse.

Por exemplo, notícias da escola, entrevistas, esportes, eventos, coluna social, artigos, anúncios (compra, venda, troca), culinária, moda, dicas, reclamações, "erramos", etc. Lembrem-se de que tudo deve estar relacionado à comunidade escolar. Escolham um nome para o jornal.



36

Anexo S - Livro didático 5º ano, unidade 1, pagina 37.

2. Formando grupos e distribuindo as seções

Formem os grupos e dividam as seções que foram definidas. Cada grupo ficará encarregado de uma seção. Nas edições seguintes, os grupos poderão se revezar para que todos tenham oportunidade de diversificar o trabalho. Reúnam-se com os colegas do grupo para conversar e criar uma pauta, isto é, uma lista de assuntos ou temas que serão tratados na seção. Depois, dividam as tarefas.

3. Discutindo procedimentos no grupo

Sabendo o que cada um terá de fazer, definam como trabalhar. Para uma entrevista, por exemplo, estabeleçam quem será o entrevistado, a data, o local e o horário. Formularem um roteiro de perguntas. Definam se um ou todos farão as perguntas; quem pesquisará imagens ou fará desenhos para ilustrar a entrevista; quem vai redigir o texto, digitar ou manuscruver e revisar a matéria final. A redação precisa ser clara e objetiva para que todos os leitores entendam.

4. Reunindo as matérias das seções

Marquem uma data para que todos os grupos se reúnam e conversem sobre o conteúdo que conseguiram para as seções. Leiam e verifiquem se não há nada impróprio, se não estão desrespeitando ou prejudicando alguém, se o tamanho das matérias é adequado (não devem ser muito longas), se é preciso mais alguma coisa. Lembrem-se de que vocês serão responsáveis por todo o conteúdo do jornal.

5. Definindo e planejando o jornal

Agora que vocês já sabem quais matérias vão entrar na edição do jornal, façam esboços da disposição das seções. Para isso, considerem o tamanho das matérias e que elas ficarão expostas em forma de mural. Depois, definam em que parede da escola colocar o jornal mural, de modo que alunos e funcionários possam ler. Peçam autorização para o diretor antes de montar o mural.

6. Montando o jornal

Fizem o papel pardo, cobrindo a parede. Depois, cole as matérias das seções de acordo com o esboço planejado. Não se esqueçam de colocar o nome da seção. Ele deve ser bem destacado.




37

Anexo T - Livro didático 5º ano, unidade 2, pagina 67.

◆ **Depois da abolição**

Alguns abolicionistas defendiam não apenas o fim da escravidão. Eles pensavam que os antigos escravizados deveriam receber terras para cultivar e que as crianças negras deveriam poder estudar. No entanto, isso não aconteceu. Nada foi feito para garantir trabalho, educação e boas condições de vida para a população negra.

Desde a abolição, os negros vêm lutando para superar o racismo, o preconceito e a desigualdade. Um passo muito importante foi dado com o **Estatuto da Igualdade Racial**, que entrou em vigor em outubro de 2010.

O Estatuto da Igualdade Racial prevê que o governo crie programas e ações para combater qualquer tipo de exclusão ou preferência baseada na origem ou na cor da pele da pessoa e para promover a igualdade entre todos os brasileiros. Conheça algumas ações estabelecidas pelo Estatuto:

- Todos os alunos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio deverão ter aulas sobre a história da África e da população negra no Brasil.
- A capoeira é reconhecida como esporte, e o governo deve oferecer incentivo para a sua prática e o seu desenvolvimento.
- As empresas públicas e privadas devem assegurar a igualdade de oportunidades no mercado de trabalho para a população negra.



2 Das ações estabelecidas pelo Estatuto da Igualdade Racial mencionadas acima, uma faz parte do seu dia a dia. Qual é? Responda no caderno.

Resposta pessoal. Este e os outros exercícios deste livro são de autoria dos autores do livro didático. Todos os direitos reservados.

67

Anexo U - Livro didático 5º ano, unidade 4, pagina 110.

unidade
4 O Brasil republicano II

Em diferentes momentos da história, a sociedade brasileira se uniu para fazer reivindicações, protestar, manifestar seu descontentamento. Houve épocas em que essas manifestações eram reprimidas. Mas hoje há liberdade para expressar ideias e opiniões.

No Brasil, os regimes de governo se alternaram: ora autoritários, ora democráticos. Esses momentos fizeram parte do processo de lutas e conquistas na construção da democracia e da cidadania.

Atividade em: Sugestão de Materiais: Portador

- Você já viu alguma manifestação pública formada por uma multidão? Conte aos colegas como era e qual o motivo da manifestação.
Resposta pessoal.
- O que "dizem" as faixas e os cartazes da imagem? Você entende quais são as reivindicações dos manifestantes?
Resposta pessoal.
- Se você pudesse fazer uma reivindicação, qual seria? Crie uma frase para expressá-la.
Resposta pessoal.



Anexo V - Livro didático 5º ano, unidade 4, pagina 111.

